

“Ainda uma vez, antes de prosseguir
e deitar o olhar para diante,
ergo, na minha soledade, as mãos
para ti, em quem me refugio,
a quem no mais fundo do coração
consagrei solenemente altares,
para que em todos os tempos
não cesse de chamar-me a tua voz.

Depois se acende, gravada profundamente,
a palavra: ao Deus desconhecido!
A ele pertenço, ainda que entre a turba dos malfeitores
eu tenha até agora permanecido.
A ele pertenço, embora sinta os laços
que, em meio ao combate, me puxam para baixo
e que, embora eu tente subtrair-me,
me arrastam para o seu serviço.

Quero conhecer-te, ó Desconhecido
que penetras até o centro de minha alma,
que atravessas minha vida como uma tormenta,
incompreensível, aparentado comigo.
Desejo conhecer-te, e, inclusive, servir-te”

(F. Nietzsche)¹

¹F. Nietzsche, **Ao Deus Desconhecido**. Poesia escrita quando Nietzsche tinha menos de vinte anos. Citada por Georg Sigmund, **O Ateísmo Moderno**, p. 264.

DEUS EM NIETZSCHE

Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

*“O ateísmo e uma espécie de segunda inocência são inseparáveis”
- F, Nietzsche².*

*“Todos os deuses morreram; agora viva o super-homem!” - F.
Nietzsche³.*

*“Só houve um cristão, e ele morreu na cruz. Os ‘Evangélicos’ terminaram na cruz. O que, de então para diante, foi chamado de ‘Evangélico’ constitui exatamente o inverso do que ele vivera: a ‘má nova’, um *Dysangelium*”⁴*

O filósofo Nietzsche (1844-1900) em seus devaneios arrogantes e contraditórios, aliás, a arrogância humana sempre é contraditória, chega à beira da loucura no seu pretensão saber anti-Deus ou a tudo que se relaciona à divindade. Ele num afã pretensioso de auto-suficiência, menospreza Deus, tentando-se fazer o próprio, ora dizendo que a simples idéia de Deus é uma quimera, naturalmente absurda, grosseira e mentirosa, ora dizendo que a idéia de Deus nem sequer merece atenção... Deixemos que o próprio autor se expresse:

“Não considero o ateísmo como resultado, e ainda menos como um fato; para mim, o ateísmo é forma estrutural de ser. Sou demasiado curioso, demasiado problemático, demasiado orgulhoso, para contentar-me com respostas grosseiras. Deus é uma resposta grosseira, uma indelicadeza para nós outros, pensadores: no fundo, é simplesmente grosseira proibição. É o mesmo que dizer-nos: Não deveis pensar!...”⁵

“Não é isso que nos destaca, não encontramos nenhum deus nem na história nem na natureza, nem por trás da natureza - mas sim sentirmos aquilo que foi venerado como Deus, não como ‘divino’, mas como digno de lástima, como absurdo, como pernicioso, não somente como erro, mas como crime contra a própria vida... Negamos Deus como deus... Se nos provassem esse deus dos cristãos, saberíamos ainda menos acreditar nele.”⁶

²F. Nietzsche, **Genealogia da Moral**, II.20. p. 98.

³F. Nietzsche, **Assim Falava Zaratustra**, I, *Da Virtude Dádívosa*, 3. p. 60.

⁴F. Nietzsche, **O Anticristo**, § 39, p. 75.

⁵F. Nietzsche, **Ecce Homo**, *Porque sou tão sagaz*, I, p. 36.

⁶F. Nietzsche, **O Anticristo**, § 47, p. 363. Vd. também, **Ibidem**, § 18.

“Deus’. ‘imortalidade da alma’, ‘salvação’, ‘além’, são simples conceitos aos quais não dediquei atenção, ou tempo, nem sequer em criança - talvez eu não fosse já então bastante infantil para tal.”⁷

Das afirmações e negações apresentadas acima, se deduz também, que a idéia de Deus faz parte das mentes infantis ou pré-científicas não se coadunando com o homem que é um ser pensante pois, crer em Deus é oposto ao pensar, segundo o seu entender. Ele pergunta:

“Quando todas essas sombras de Deus não nos toldarão mais ? Quando teremos a natureza inteiramente desdivinizada ? Quando nós homens, com a pura natureza, descoberta como nova, redimida como nova, poderemos começar a nos naturalizar ?”⁸

Para Nietzsche Deus é pura imaginação e mentira, fruto de homens enfermos e nocivos à humanidade.

“O que até agora a humanidade tomou a sério, não é realidade, é pura imaginação, ou, para me exprimir com maior rigor, são mentiras derivadas de instintos de seres enfermiços, e de tendências profundamente nocivas: todas as idéias de ‘Deus, alma, virtude, pecado, além, verdade, vida eterna’...”⁹

E, esta concepção imaginária e enganadora, visa arruinar o homem física e psiquicamente, visto que o “advento do Deus cristão” trouxe profundo sentimento de culpa, resultante da nossa tentativa de autonomia, de superação desta crença infantil e irracional...

“Que sentido tem estas concepções enganadoras, estas concepções auxiliares da moral, ‘alma’. ‘espírito’. ‘livre arbítrio’, ‘Deus’, senão o de arruinar fisiologicamente a humanidade ? ...”¹⁰

“A idéia de ‘alma’, de ‘espírito’, e, ao fim de ao cabo, ainda a de ‘alma imortal’ foi inventada para desprezar o corpo, para o tornar doente - ‘sagrado’ - para tratar todas as coisas que merecem atenção na vida - as questões de alimentação, habitação, regime intelectual, cuidados com os doentes, higiene, temperatura - com a mais espantosa incúria! Em vez de saúde, ‘salvação da alma’ - quer dizer uma loucura circular que vai das convulsões da penitência à história da redenção!”¹¹

“O sentimento de culpa em relação à divindade não parou de crescer durante milênios, e sempre na mesma razão em que nesse mundo cresceram e foram levados às alturas o conceito e o sentimento de Deus. (...) O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa. Supondo que tenhamos embarcado na direção *contrária*, com uma certa probabilidade se poderia deduzir, considerando o irresistível declínio da fé no Deus cristão, que já agora se verifica um considerável declínio da consciência de culpa do homem; sim, não devemos inclusive rejeitar a perspectiva de que a vitória total e definitiva do ateísmo possa livrar a humanidade desse sentimento de estar em dívida com seu co-

⁷Ecce Homo, *Porque sou tão sagaz*, I, p. 35-36.

⁸ A Gaia Ciência, III, § 109, p. 208

⁹Ecce Homo, *Porque sou tão sagaz*, X, p. 58.

¹⁰Ibidem., *Aurora*, II, p. 104.

¹¹Ibidem., *Porque sou uma fatalidade*, VIII, p. 158.

meço, *sua causa prima*. O ateísmo e uma espécie de segunda inocência são inseparáveis.”¹²

Em uma passagem que julgamos de difícil interpretação, parece-nos que Nietzsche, usando uma frase do escritor francês Henri Beyle (1783-1842) que desde 1826, passa a assinar com o pseudônimo de “Stendhal”, que disse: “A única desculpa de Deus é não existir”, afirma que o homem que crê em Deus não existe, pois, tal idéia é contrária à vida.

“Qual foi até agora a maior objeção contra a existência? Deus...”¹³

“A idéia de ‘Deus’ foi composta, foi inventada como idéia contrária à vida - nela, em simbiose estupenda, se resume tudo quanto é nocivo, venenoso, caluniador, todo o ódio mortal contra a vida.”¹⁴

O Cristianismo é uma anti-filosofia de vida, é, segundo Nietzsche, um suicídio intelectual, o “**maior infortúnio da humanidade**”,¹⁵ a pior corrupção de todas...

“O cristianismo, a religião formada da negação da vontade de viver...”¹⁶

“Condeno o cristianismo; lanço contra a Igreja cristã a mais terrível de todas as acusações que jamais lançou um acusador. Ela é, para mim, a maior de todas as corrupções imagináveis; procura levar a cabo a corrupção suprema, a pior corrupção possível. A Igreja cristã nada deixou imune à sua depravação; transformou cada valor em desvalor, cada verdade em mentira, cada integridade em baixeza de caráter....

“Denuncio o cristianismo como a grande praga, a grande depravação intrínseca, o grande instinto de vingança, para o qual nenhum meio é bastante venenoso, ou bastante secreto, subterrâneo e mesquinho; eu o denuncio como a mácula imortal da raça humana...”¹⁷

Isto porque o cristianismo desfocalizou o centro da vida, destruindo o verdadeiro sentido da vida, gerando um niilismo:

“Se se põe o centro da gravidade da vida, não na vida, mas no ‘além’ - no nada -, tirou-se da vida toda gravidade. A grande mentira da imortalidade pessoal destrói toda razão, toda natureza que há no instinto - tudo o que é benefício nos instintos, que propicia a vida, que garante futuro, desperta agora desconfiança. Viver de tal modo, que não tem mais nenhum sentido viver, esse se torna agora o ‘sentido’ da vida...”¹⁸

Ele entende que os deuses são criados pelos homens, como fruto de sua impotência pessoal.

“Ai, meus irmãos, esse deus, que eu criei, era obra humana e delírio humano, igual a todos os deuses! (...) Sofrimento foi, e foi impotência - o que criou os ultramundanos; e aquele curto delírio de felicidade, que somente o mais sofredor experimenta.

¹²F. Nietzsche, **Genealogia da Moral**, II.20. p. 97-98.

¹³F. Nietzsche, **Ecce Homo**, *Porque sou tão sagaz*, III, p. 45.

¹⁴**Ibidem.**, *Porque sou uma fatalidade*, VIII, p. 158.

¹⁵F. Nietzsche, **O Anticristo**, § 51, p. 101.

¹⁶F. Nietzsche, **Ecce Homo**, *Um problema musical*, II, p. 140.

¹⁷F. Nietzsche, **O Anticristo**, § 62, p. 126,127.

¹⁸F. Nietzsche, **O Anticristo**, § 43, p. 361. Vd. também, § 52.

“Cansaço, que de um salto quer chegar até o último, de um salto mortal; um pobre cansaço ignorante, que nem mesmo querer quer mais: foi ele que criou todos os deuses e ultramundos.”¹⁹

Porém, Nietzsche entende que da maneira que o mundo vê Deus, Ele é desnecessário pois, o homem é quem deve ser o seu próprio Deus.

“Também na devoção há bom gosto: foi este que disse, por fim: ‘Fora com um tal Deus! Antes nenhum Deus, antes fazer destino do próprio punho, antes de ser parvo, antes ser seu próprio Deus!’”²⁰

Assim, como Feuerbach (1804-1872),²¹ Nietzsche entende Deus como uma projeção do homem, que quando se universaliza, tende a se mascarar em bondade, compreensão e amor...

“À mesma conclusão nos obriga uma crítica ao conceito cristão de deus. – Um povo que ainda acredita em si mesmo ainda têm, também, seu próprio deus. Nele venera as condições pelas quais está acima, suas virtudes – projeta o prazer que tem consigo mesmo, seu sentimento de potência, em um ser a que pode agradecer por elas. Quem é rico, quer despender; um povo orgulhoso precisa de um deus, para oferecer sacrifícios... Religião, dentro de tais pressupostos, é uma forma de gratidão. É-se grato por si mesmo; para isso se precisa de um deus. – Um tal deus tem de poder ser útil e pernicioso, tem de poder ser amigo e inimigo – é admiração no bom como no ruim. A castração antinatural de um deus em um deus meramente do bem seria aqui totalmente indesejável. Tem-se tanta necessidade do deus mal quanto do bom; aliás não é precisamente à tolerância, à amizade aos homens, que se deve a própria existência... De que serviria um deus que não conhecesse ira, vingança, inveja, escárnio, ardid, violência? que talvez nem sequer tivesse conhecimento das *ardeurs* da vitória e do aniquilamento? Um tal deus ninguém entenderia: para que se haveria de tê-lo? – Sem dúvida: quando um povo sucumbe; quando sente desaparecer definitivamente sua crença no futuro, sua esperança de liberdade; quando a submissão como primeira utilidade, as virtudes do submisso como condições de conservação lhe entram na cons-

¹⁹F. Nietzsche, **Assim Falou Zaratustra**, p. 238-239.

²⁰**Ibidem.**, IV, p. 265.

²¹O filósofo alemão Feuerbach (1804-1872) – antigo aluno de Hegel –, reduziu “a teologia à antropologia” [Ludwig A. Feuerbach, **A Essência do Cristianismo**, Prefácio da 2ª edição (14/02/1843), p. 35]. Para ele a religião era apenas uma projeção da razão humana, a objetivação da sua essência. “Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa. O que é Deus para o homem é o seu espírito, a sua alma e o que é para o homem seu espírito, sua alma, seu coração, isto é também o seu Deus: Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor.” (**Ibidem.**, p. 55-56. Vd. também, p. 57 e 77). A razão é o critério último de toda a realidade (**Ibidem.**, p. 81); “é a medida de todas as medidas” (**Ibidem.**, p. 84). Deus é uma entidade criada pelo homem à imagem de sua razão: “Como tu pensas Deus, pensas a ti mesmo a medida do teu Deus é a medida da tua razão. Se pensas Deus limitado, então é a tua razão limitada; se pensas Deus ilimitado, então a tua razão não é também limitada (...) No ser ilimitado simbolizas apenas a tua razão ilimitada.” (**Ibidem.**, p. 82. Vd. p. 158). Karl Marx (1818-1883), interpretando a concepção de Feuerbach, diz que este “resolve o mundo religioso na essência humana.” (Karl Marx, **Teses Contra Feuerbach**, § 6, p. 58). Acrescenta: “Feuerbach não vê, pois, que o próprio ‘ânimo religioso’ é um produto social e que o indivíduo abstrato, analisado por ele, pertence a uma esfera social determinada.” (**Ibidem.**, § 7, p. 58).

Mais tarde, em 1862, o mesmo Feuerbach escreveu em sua obra, **O Mistério do Sacrifício ou o Homem é o que Ele como**, o seguinte:

“A teoria dos alimentos é de grande importância ética e política. Os alimentos se transformam em sangue, o sangue em coração e cérebro, em matéria de pensamentos e sentimentos. O alimento humano é o fundamento da cultura e do sentimento. Se quereis melhorar o povo, em vez de pregações contra o pecado, dai-lhe uma alimentação melhor. O homem é aquilo que come.” (Apud Battista Mondin, **Curso de Filosofia**, Vol. III, p. 94).

ciência, então é preciso também alterar seu deus. Ele se torna agora furtivo, temeroso, modesto, convida à ‘paz da alma’, ao não-mais-odiar, à indulgência, ao ‘amor’ mesmo, para com amigo e inimigo. Moraliza constantemente, esgueira-se na caverna de toda virtude privada, torna-se Deus para todos, torna-se homem privado, torna-se cosmopolita... Outrora representa um povo, a força de um povo. Toda a agressividade e sede de potência da alma de um povo: agora é meramente o bom deus...”²²

Nietzsche ainda no seu eterno tentame de depreciar a Deus e a todos os que crêem na Sua existência, põe nos lábios do seu Zaratustra, através de uma interrogação, a demonstração de que ele só se interessava em aprender de homens mais ateus do que ele pois, só estes poderiam lhe ensinar alguma coisa, porque o ateu é que possui o verdadeiro conhecimento. Quanto mais ateu mais sábio.

“Pois bem! Esta é a minha prédica para seus ouvidos: eu sou Zaratustra, o sem-Deus, que fala: ‘Quem é mais sem-Deus do que eu, para que eu me alegre com seu ensinamento?’”²³

O que foi exposto acima é ilustrado num fato da sua existência, o qual contaremos abaixo. Através das suas obras, máxime **Ecce Homo** - que é a sua autobiografia -, e de sua biografia, sabemos que o grande amigo de Nietzsche, desde 1868, era o magnífico compositor alemão Richard Wagner (1813-1883). Certa ocasião quando ambos davam um de seus costumeiros passeios, Wagner lhe falou sobre a sua nova ópera, **Parsifal** (1876-1882), observando que começava a interessar-se pelos serviços da igreja, que as suas antigas idéias “ateísticas” tendiam, agora, cada vez mais para Deus e para o Cristianismo. Nietzsche fitou nele os olhos, sem pronunciar uma única palavra e nunca mais voltou a visitá-lo.²⁴

Nietzsche tentando parodiar a Bíblia, diz que Deus é confuso e imperfeito em sua criação.

“Ele era confuso, também. O quanto ele não se zangou conosco, esse colérico, porque o entendíamos mal! Mas por que não falou mais limpidamente?
 “E se eram nossos ouvidos, por que deu a nós ouvidos que o ouviam mal? Se havia argila em nossas orelhas, pois bem! quem a pôs lá dentro?
 “Demasiado lhe saiu mal, a esse oleiro que não concluiu seu aprendizado! Mas que ele tenha tomado vingança de seus potes de barro e criaturas, por lhe terem saído mal - isso foi um pecado contra o bom gosto.”²⁵

Esse Deus concebido por Nietzsche, ficou velho e frágil.

“Quando ele era jovem, esse deus da terra do sol nascente, ele era duro e vingativo, e edificou um inferno para delícia de seus prediletos.
 “Mas por fim ele ficou velho e mole e frágil e compassivo, mais semelhante a um avô do que a um pai, mas mais semelhante ainda a uma velha, trôpega avó.

²²O Anticristo, § 16, p. 357-358.

²³Assim Falou Zaratustra, III, § 3, p. 255.

²⁴Vd. entre outros, Teófilo Urdanoz, **Historia de la Filosofia**, p. 490 e 554.

²⁵Assim Falou Zaratustra, IV, p. 265.

“E se sentou murcho em seu canto, perto da estufa, queixou-se de suas pernas fracas, cansado do mundo, cansado da vontade, e um dia se engasgou em sua compaixão grande demais.”²⁶

Após a velhice e debilidade, esse Deus morreu “asfiziado pela compaixão”. Isto é manifesto num diálogo que Zaratustra tem com um Papa.

“ -- ‘Tu o serviste até o fim’, perguntou Zaratustra, meditativo, depois de um profundo silêncio, ‘tu sabes como ele morreu ? É verdade o que se fala, que ele foi asfiziado pela compaixão ?

“ -- que ele viu como o homem pendia na cruz e não o suportou, que o amor pelo homem foi seu inferno e, por fim, sua morte ?”²⁷

Também, todos os deuses morreram num estado de hilaridade, quando um dos deuses quis ser o único.

“Para os velhos deuses já há muito chegou o fim: - e em verdade foi um bom, um gaio fim de deuses que tiveram !

“Isso aconteceu, quando a palavra mais sem-Deus foi pronunciada por um deus mesmo - a palavra: ‘há um deus! Não deves ter nenhum outro deus além de mim!’

“ -- Um velho ranzinza de um deus, um ciumento, perdeu assim a compostura:

“E todos os deuses riram então, e vacilaram em suas cadeiras e exclamaram: “Mas divindade não é justamente haver deuses, e não um Deus ?”²⁸

Com a morte de Deus, encerram-se todos os valores construídos a partir da sua existência... Portanto, o que nos resta é a matéria e, é partir dela que devemos construir o nosso mundo:

“Suplico-lhes, meus irmãos, a permanecer fiéis à terra e a não dar crédito àqueles que lhes falam de anseios supraterrrestres.

“São pervertedores, quer o saibam ou não.

“São depreciadores da vida, moribundos, que, por sua vez, estão envenenados, seres dos quais a terra se encontra entediada; vão-se por uma vez para sempre!”²⁹

A morte de Deus significa a liberdade, a emancipação do homem³⁰...

Zilles comenta:

²⁶*Ibidem*, IV, p. 264.

²⁷*Ibidem*, IV, p. 264.

²⁸*Ibidem*, III, § 2, p. 258.

²⁹F. Nietzsche, **Assim Falava Zaratustra**, I, Introdução, 3. p. 10.

³⁰Ainda que não com o mesmo tom, devemos nos lembrar que Kant definiu o “Iluminismo” como libertação, a maioria do homem. Em 1784, num artigo para uma revista, Kant se perguntou: “*O Que é o Iluminismo ?*”. Ele respondeu:

“O Iluminismo é a emancipação de uma menoridade que só aos homens se devia. Menoridade é a incapacidade de se servir do seu próprio intelecto sem a orientação de um outro. Só a eles próprios se deve tal menoridade se a causa dela não for um defeito no intelecto mas a falta de decisão e de coragem de se servir dele sem guia. ‘Sapere aude! Tem a coragem de te servires do teu próprio intelecto!’ é o lema do Iluminismo”. E. Kant, “*Que es la Ilustracion ?*”, in E. Kant, **Filosofia de la Historia**, p. 25-38. Tillich interpretando esta concepção de Kant, diz: “Kant achava que as pessoas vivem mais despreocupadas quando se deixam guiar por líderes religiosos, chefes políticos ou orientadores educacionais. Queria, porém, acabar com essa segurança. Achava que essa dependência contradizia a verdadeira natureza humana.” (Paul Tillich, **Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX**, p. 47).

“A partir da morte de Deus tudo é reavaliado. A terra ocupa lugar de deus. Convenendo-se de que Deus morreu, o homem se abre livremente para suas possibilidades. No lugar do Deus cristão e do reino das idéias platônicas põe a terra. Após a morte de Deus, o homem fala para o homem, invocando sua possibilidade suprema: o super-homem.”³¹

Para Nietzsche, a religião é coisa do povo simplório, pelo qual ele mantém tremendo desprezo.

“Religiões são coisa do populacho, e eu tenho sempre de lavar as mãos depois de estar em contacto com religiosos...”³²

Estudando-se a vida de Nietzsche, pode-se entender melhor o que escreveu. Um homem raquítico, com constante nevralgia, olhos fracos, dores de cabeça que lhe provocavam desmaios³³. Alguém que perdeu o pai muito cedo (5 anos),³⁴ sendo criado pela mãe, irmã - com quem suspeita-se ter mantido relações incestuosas -, duas tias solteiras e avó, ressentindo-se da ausência da figura paterna, deseja fazer a sua própria investigação. Mais tarde escreveria à sua irmã:

“Se queres alcançar tranqüilidade e felicidade de espírito, então crê, mas se desejas ser discípula da verdade, então investiga. Entre estes dois extremos existem muitas atitudes de mediocridade. Mas o que interessa é o objetivo principal.”³⁵

Este homem, passou a vida inteira a sofrer as dores do corpo, tentando superá-las não através de uma vontade de viver, pregada pelo seu antigo mestre, Schopenhauer (1788-1860), mas sim da *vontade de poder*³⁶. O sonho de um homem frustrado em sua constante tentativa, resolve lutar contra a idéia de Deus, contra a resignação; assim, como aprende com a tragédia grega, principalmente através dos escritos de Sófocles (495-406 aC) e Ésquilo (525-456 aC), queria ser um novo Prometeu, sem Zeus para aprisioná-lo nem Hércules para libertá-lo, trazendo um fogo que tudo ilumina, não do céu mas, de um super-homem à humanidade - já que o homem é apenas um caminho para o super-homem³⁷e

³¹Urbano Zilles, **Filosofia da Religião**, p. 171.

³²**Ecce Homo**, p. 147.

³³“De agosto a outubro de 1870 é enfermeiro voluntário na guerra Franco-Prussiana, período que marca o início de uma série de enfermidades que o acompanharão até o fim da vida.” (T.R. Giles, **História do Existencialismo e da Fenomenologia**, I, p. 54).

³⁴O seu pai, Karl Ludwig (1813-1849), que era pastor luterano, morreu como 36 anos. (Vd. F. Nietzsche, **Ecce Homo**, *Porque sou tão sábio*, 3, p. 21).

³⁵E. Foerster-Nietzsche, **Der junge Nietzsche**, 1922, p. 156. **Apud** G. Siegmund, **op. cit.**, p. 266-267.

³⁶Tillich assim explica o sentido da palavra “poder” em Nietzsche: “Para Nietzsche, o poder é a auto-afirmação do ser. Vontade de poder significa a afirmação do poder pessoal de viver, enfim, a afirmação da própria existência individual. Em nós, essa vontade de poder transforma-se em vontade de poder social e pessoal. Esse não é o seu primeiro sentido, mas faz parte do conceito. Esse poder não tem nada a ver com seu poder irracional. É o poder dos melhores. Somente o poder sobre si mesmo é capaz de dar poder social. Se não formos capazes de exercer a auto-restrição aristocrática, nossa vontade de poder se deteriora. O abuso desse poder pelo movimento nazista não tem nenhuma relação com a visão de Nietzsche, da vontade de poder.” (Paul Tillich, **Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX**, p. 187).

³⁷“O homem é corda destendida entre o animal e o super-homem; uma corda sobre um abismo; travessia perigosa, temerário caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar.

“A grandeza do homem é ser uma ponte, e não uma meta; o que se pode amar no homem é ser ele uma passagem e um termo.

este é contraposto à morte de Deus³⁸ -, que jazia em uma noite trevosa de quimeras³⁹... Ele anelava por fazer a maior revolução da história. Cria que um dia, após a sua morte, já não se dividiria a História em antes e depois de Cristo; os homens falariam de antes de Nietzsche e depois de Nietzsche⁴⁰. Jesus seria inteiramente esquecido, agora que o suplantara, o grande “messias” alemão.

Esse Nietzsche, o solitário, podia dizer em seu **Ecce Homo** algo a respeito das grandes obras.

“Há uma coisa que chamo de rancor da grandeza; tudo quanto é grande, seja obra, seja ação, uma vez que se realiza, volta-se contra o seu autor.”⁴¹

Alhures, ele demonstrou ter uma grande idéia a respeito dos seus escritos, principalmente da sua principal obra, **Assim Falou Zaratustra**.

“Entre os meus escritos, Zaratustra vive por si. Outorguei com ele à humanidade o maior dom que esta recebeu, fosse de quem fosse. Este livro, cuja voz se eleva por cima dos séculos, não é apenas o maior livro que existe, o verdadeiro livro da atmosfera das alturas - todo o humano se encontra muitíssimo abaixo dele -; é também o mais profundo, nascido de uma interior riqueza de verdade, poço inesgotável em que nenhum alcatruz desce sem voltar à superfície repleto de ouro de bondade.”⁴²

Se a sua obra é tão importante e profunda, é porque o seu autor também o é; aliás, dos seus escritos se depreende a sua autofilia. Talvez seja por isso, que ele se revoltou contra Deus, o seu Criador pois, como ele mesmo disse: “Tudo quanto é grande (...) volta-se contra o seu autor.”⁴³

No dia 3 de janeiro de 1889, aos cinqüenta e cinco anos de idade, sofreu uma crise mental. Assentou-se ao piano e atirou-se ao teclado num demente êxtase de música. Durante os anos seguintes vegetou num asilo, até que em 25 de agosto de 1900 seu espírito e

“Amo apenas aqueles que sabem viver como que se extinguindo, porque esses são os que atravessam de um lado para outro.” (F. Nietzsche, **Assim Falava Zaratustra**, I, Introdução, iv, p. 11).

³⁸“Todos os deuses morreram; agora viva o super-homem!” (F. Nietzsche, **Assim Falava Zaratustra**, I, *Da Virtude Dádivosa*, 3. p. 60).

³⁹Ao novo homem que nasce da morte de Deus, diz:

“Perante Deus! Porém esse Deus morreu! Homens superiores, esse Deus foi o vosso maior perigo.

“Ressuscitastes desde que ele jaz na sepultura. Somente agora retorna o Grande Meio-Dia; agora torna-se senhor o homem superior.

“Compreendeis esta palavra, meus irmãos? Sobressaltai-vos: A tontura apodera-se do vosso coração? Abre-se aqui para vós o abismo? Ladra-vos o cão do inferno.

“Homens superiores! Somente agora dará à luz a montanha do futuro humano. Deus morreu; agora nós queremos que viva o super-homem.” (F. Nietzsche, **Assim Falava Zaratustra**, IV, *O Homem Superior*, 2. p. 218).

Esta passagem do homem ao super-homem será o grande momento da humanidade:

“E o grande meio-dia será quando o homem estiver a meio do caminho, entre a besta e o super-homem, o célebre, como sua esperança suprema, o seu caminho para o fim: porque será a senda para uma nova manhã.” (F. Nietzsche, **Assim Falava Zaratustra**, I, *Da Virtude Dádivosa*, 3. p. 60).

⁴⁰“E a humanidade conta o tempo a partir do deus nefasto em que tal fatalidade ocorreu - a partir do primeiro dia do cristianismo! Por que não a partir de seu último dia? De hoje? - A transposição de todos os valores!...” (F. Nietzsche, **O Anticristo**, § 62, p. 127).

⁴¹**Ecce Homo**, *Aurora*, 5, p. 116.

⁴²**Ibidem**, *Introdução*, 4, p. 9-10.

⁴³**Ibidem**, *Introdução*, 4, p. 10.

corpo se renderam totalmente ao Criador. Entre os seus papéis foi encontrada uma nota escrita pelo seu próprio punho. Estava assinada - "O Crucificado".

Talvez a observação crítica de Tillich proceda:

"O Deus tradicional ainda está vivo e o próprio Nietzsche criou um outro Deus, o ser divino e demônico que ele chamava de vida. (...) Por certo, jamais foi ateu no sentido absurdo e popular do termo. Seu Deus, porém, é diferente do Deus da tradição religiosa, especialmente da tradição cristã. Difere também da tradição religiosa asiática (...) Contudo, eu diria que sua negação pressupõe certa consciência da eternidade, constantemente presente em seu pensamento como, aliás, em qualquer outro ser humano."⁴⁴

Mas o leitor mais atento poderia perguntar: Onde está a crítica ao pensamento de Nietzsche? A resposta é simples: Nietzsche em nenhum momento apresentou argumentos contra o Cristianismo, ele apenas falou mau, expressou o seu ódio e angústias, sem que por um instante sequer provasse qualquer uma de suas teses... Ora, contra sentimentos, angústias, ódios e ressentimentos, não há argumentos!

São Paulo, 19 de dezembro de 1996.
Hermisten Maia Pereira da Costa

⁴⁴Paul Tillich, **Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX**, p. 195.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **Historia de la Filosofía**, Barcelona, Montaner y Simón, S.A., Vol. III, 3ª ed., 1978.
- BROWN, Colin, **Filosofia e Fé Cristã**, São Paulo, Vida Nova, 1983.
- FEUERBACH, Ludwig A. **A Essência do Cristianismo**, Campinas, SP., Papyrus, 1988.
- GILES, Thomas R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**, São Paulo, EPU/EDUSP., Vol. I, 1975.
- KANT, E. **Filosofía de la Historia**, México, Fondo de Cultura Económica, 3ª reimpressão, 1987.
- MARX, Karl. **Teses Contra Feuerbach**, São Paulo, Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXV), 1974.
- MONDIN, Battista, **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente**, São Paulo, Paulinas, Vol. III, 1983.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim Falava Zaratustra**, São Paulo, Hemus, 1977.
- **A Gaia Ciência**, São Paulo, Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXXII), 1974.
- **Assim Falou Zaratustra**, São Paulo, Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXXII), 1974.
- **Genealogia da Moral: Um Escrito polêmico**, São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1988.
- **O Anticristo**, Rio de Janeiro, Ediouro, 4ª ed. [s.d.]
- **O Anticristo: Ensaio de uma Crítica do Cristianismo**, São Paulo, Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXXII), 1974.
- **Ecce Homo: Como Se Chega a Ser o que Se é**, Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1957.
- SIEGMUND, Georg, **O Ateísmo Moderno: História e Psicanálise**, São Paulo, São Paulo, 1966.
- THOMAS, H. e THOMAS, D.L. **Vida de Grandes Filósofos**, Porto Alegre, RS., Editora Globo, 1958.

TILLICH, Paul, **Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX**, São Paulo, ASTE, 1986.

URDANOZ, Teófilo, **Historia de la Filosofía**, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, Vol. 5, 1975.

ZILLES, Urbano, **Filosofia da Religião**, São Paulo, Paulinas, 1991.